

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

GREGÓRIO DE SORDI GREGÓRIO*

LUIZ AUGUSTO M. CELES**

Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans

Brasília
2011

* Mestrando em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB); ex-membro do Grupo de Intervenção Precoce nas Primeiras Crises do Tipo Psicótica (GIPSI); Realiza psicodiagnósticos e atende, com orientação psicanalítica, adolescentes e adultos em consultório particular localizado em Brasília-DF. Nas horas vagas escreve reflexões no blog Por Que Será? dsgregorio@gmail.com

** Psicanalista; especializado em Psicologia Clínica (CFP); doutor em Psicologia Clínica (PUC-Rio, 1991), pós-doutorados (UCL, Bélgica, 1996; PUC-SP, 2003; PUC-Rio, 2010). Professor titular aposentado do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília; Pesquisador colaborador da Universidade de Brasília; bolsista do CNPq; membro do Conselho Editorial de revistas especializadas, como, Revista Tempo Psicanalítico, Revista Psicologia Clínica e Revista Ágora. Tem experiência na área da Psicanálise, e se debruça principalmente sobre os temas da clínica psicanalítica, sexualidade, pulsão, Freud e processos de subjetivação. Atende em consultório particular. celes@unb.br

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181–194.

Resumo

O presente artigo utiliza a semiologia psicanalítica para explicar o comportamento dos hooligans, tendo como base os documentários *The real football factories* (2006) e *The real football factories international* (2006). São abordados os conceitos de pulsão de morte, pulsão de vida (Eros), identificação, sublimação, ego ideal e ideal de ego. Uma vez que esses se referem, prioritariamente, ao âmbito individual, foi demonstrado, a partir do texto de Freud *Psicologia de Grupo e análise do ego* (1921), que um grupo organizado pode ser considerado um catalisador para que as pulsões possam encontrar vazão mais facilmente. Conclui-se que não há prejuízo significativo ao analisar os grupos denominados hooligans por explicações que, em seu sentido original, são do âmbito individual.

Palavras chave: hooligans, torcidas organizadas, futebol, violência, psicanálise.

Abstract

The present article uses the psychoanalytic semiology the behavior of the hooligans, based on the documentaries *The real football factories* (2006) and *The real football factories international* (2006). Death drive, life drive (Eros), identification, sublimation, ideal ego and ego ideal. Once those they refer, priorly, to the individual ambit, it was demonstrated, starting from Freud's text *Group Psychology and analysis of the ego* (1921), that an organized group can be considered a catalyst so that the drives can find flow more easily. It is concluded that there is no loss when analyzing the groups denominated hooligans based on explanations that, in its original sense, refer to individual extent.

Keywords: hooligans, firms, football, violence, psychoanalysis.

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181–194.

Hooligans é o nome dado a grupos de torcedores de eventos esportivos, em especial o futebol, que freqüentemente entram em confronto com torcedores de outro time. Seu comportamento ganhou tamanha reputação que filmes e documentários foram realizados visando retratar os aspectos referentes aos hooligans. Peter Day é o criador do documentário intitulado *The Real Football Factories* (2006), onde, em seis episódios, retrata a realidade dos hooligans no país em que ganharam maior reputação: a Inglaterra. Em seguida, o documentário se estendeu a nove outros países: Turquia, Argentina, Itália, Croácia, Sérvia, Holanda, Brasil, Polônia e Rússia. Na Argentina, o termo utilizado para denominá-los é Barra Brava. De acordo com um de seus integrantes, “quando se é um Barra Brava, você não sente medo, você se acostuma com as brigas” (Day, 2006b). Na Itália, eles denominam-se Ultras, que significa além do limite. “Um Ultra deve sempre ir além do limite, ter uma paixão insana. Se você não for insano, não é Ultra” (Day, 2006b). Esses torcedores se juntam com outros que compartilham o mesmo sentimento perante um time e formam uma entidade, que na Inglaterra é denominada de *firms*, enquanto no Brasil utiliza-se a expressão “torcida organizada”. Tratam-se de torcedores exaltados, em que a paixão pelo time é semelhante, ou até maior, à paixão pela família e os amigos: “O sentimento que a gente tem pelo Flamengo é o mesmo que a gente tem por uma família nossa ou por um parente nosso. É um sentimento de amor muito grande” e “O Grêmio é minha religião, minha vida. Sem o Grêmio não sou ninguém” (Day, 2006b). Esses são exemplos de discursos que reforçam a importância que o time possui na vida desses torcedores. Assim, o time chega a constituir a razão de ser do sujeito, podendo esta ser diretamente comparada à razão religiosa.

Todas as torcidas organizadas possuem um representante, situado no cargo de presidente e que é trocado de acordo com as normas de cada firma. Além deste, há possivelmente outros cargos (depende do tamanho da torcida organizada) tais como vice-presidente, diretor de bandeiras, tesoureiro, secretário, diretor de bateria, diretor de eventos ou até tatuador oficial do clube (Day, 2006b; Toledo, 1996).

Devido aos crimes cometidos pelas torcidas organizadas, o termo gangue é comumente usado para representá-las. Contudo, torcidas organizadas não são gangues.

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

Seus membros querem mais o sangue do inimigo do que praticar crimes. Estes são somente conseqüências do ato em si, mas não são o objetivo. O intuito é bater na outra torcida organizada, afrontá-la, denegri-la da maneira mais humilhante possível, realizando atos que uma torcida organizada possa contar e rir sobre, dos quais seus membros gozam de maneira unificada. A recompensa para esses atos é a reputação que eles trazem consigo. Todas as torcidas organizadas se referem como sendo a maior e mais valente torcida organizada e, nesse relato, realizam a fruição de seu gozo. Os representantes da Mancha Alvi-Verde relatam que é difícil encontrar no mundo outra torcida que seja tão valente quanto a deles. O presidente de seus arquirrivais, os Gaviões da Fiel, refere-se a sua torcida como “a maior torcida organizada da América latina”. Entretanto, o presidente da La Doce, torcida organizada que representa o Boca Juniors da Argentina, informa que a La Doce é reconhecida por ser a maior torcida organizada do mundo (Day, 2006b). A congruência entre os discursos das torcidas organizadas aponta para o entendimento de que estas constituem um exemplo do narcisismo postulado por Freud — na forma de um narcisismo compartilhado.

Freud (1914) conceitua o narcisismo primário como um investimento pulsional amoroso que o sujeito realiza em si mesmo a partir do espelho dos pais. Esse se constitui como um protetor do psiquismo, promovendo o sentimento de ideal, perfeição e completude. Neste momento, o ego real coincide com o ego ideal e o ideal de ego. Porém, a partir da castração, a criança passa a ter noção de que não goza de completude e, no decorrer de sua vida, essa afirmação é reforçada pelos argumentos de terceiros (educadores, por exemplo) e pelo seu próprio julgamento. No entanto, como acontece sempre que a libido está envolvida, para o sujeito torna-se difícil abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou. Não disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. Assim, “o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (Freud, 1914, p. 101).

Neste sentido, ao atribuir a si o atributo de melhor, ou seja, ao igualar este ideal ao ego real, os participantes das torcidas organizadas estão buscando combater a sua representação de sujeito enquanto falta. Aliás, parece adequado afirmar que buscam

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

suprir a falta que, justamente, caracteriza cada um como sujeito. A falta que se busca suprir numa tentativa vã, nesse sentido, seria aquela que funda o sujeito barrado no inconsciente, não se tratando simplesmente de uma falta imaginária (embora possa ser imaginária a tentativa de sua supressão). Podemos sugerir que o imaginário da completude em grupo (segundo o processo da identificação já anunciado por Freud, 1921) tem por objetivo blindar, por assim dizer, o sujeito de sua castração, do barramento mais fundamental que o constitui como tal sujeito. Abusando de termos lacanianos, o objetivo pode ser expresso como a tentativa de fazer coincidir o simbólico com o imaginário pela supressão do real, isto é, da castração. Busca-se a onipotência, que jamais efetivamente se alcança, se não imaginariamente, que dizer, como *sentimento* de onipotência.

Entretanto, a formação de um ideal aumenta as exigências ao ego, necessitando constantemente de uma reafirmação narcísica. Freud (1921) aponta que há sempre uma sensação de triunfo quando algo no ego coincide com o ideal do ego, e um sentimento de culpa ou inferioridade quando isto não ocorre. Tal sentimento de inferioridade é insuportável para os integrantes das torcidas organizadas, como mostra um torcedor do Vasco integrante da Força Jovem, relatando que “não importa o jogo, ganhar do Flamengo é essencial. Se não ganha no jogo, ganha lá fora” (Day, 2006b).

Neste sentido, a necessidade de satisfazer o ideal do ego é, em um primeiro momento, o que faz as torcidas organizadas brigarem entre si. Portanto, pode-se considerar que as outras torcidas organizadas constituem o objeto de satisfação do ideal de ego, mas cuja satisfação se alcança no confronto que reduz o objeto a objeto a ser suplantado e, virtualmente, eliminado. Por outro lado, é uma satisfação narcísica que não garante a permanência da situação de superioridade, a satisfação é imediata. As superações que proporcionam a satisfação são de momento, ao sabor de cada vitória ou derrota do time “amado”, não envolve a superação definitiva do outro time. Pode-se dizer, vitória e derrota da própria torcida organizada; o time ele mesmo permanece num outro plano, objeto de devoção (mesmo no caso de um ou outro jogador — e por vezes o próprio time — ser vaiado). “Lá fora”, vai-se à revanche com a outra torcida organizada. Uma torcida organizada é, portanto, necessária para a outra, uma vez que

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

para que o “eu” coletivo aí implicado possa ser o melhor, precisa ter alguém que o faça se sentir assim. Se o outro não existir, serei melhor que quem? No entanto, não se trata certamente da existência de um outro simbólico, capturado na rede das simbolizações que dão sentido à existência e à perspectiva de futuro. A outra torcida organizada, mesmo que oponente, é complementar. Como no testemunho em uma situação de análise, “uma super mãe completa-se com um infra filho!”

Mas por que tanta violência? Possíveis explicações podem ser derivadas das concepções de Freud sobre as pulsões que movem o ser humano. Em 1915, em *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud expôs sua teoria das pulsões, em que esta seria um conceito situado entre o psíquico e o somático. Neste sentido, a energia do ser humano não vem de fora, mas de dentro, cabendo ao psiquismo dar vazão a esta energia. Freud (1905) conceitua a fome e a sede como representantes da pulsão de nutrição. Devido à falta, uma estimulação proveniente do somático atinge o psíquico, impulsionando o sujeito a satisfazer esta pulsão. A pulsão sexual é análoga a pulsão de nutrição, se constituindo como uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente. Ela é regida pelo princípio do prazer, sendo este da ordem da homeostase. A recuperação do equilíbrio resulta no prazer, assim como o aumento de excitação e sua diminuição (relaxamento). Há, assim, uma necessidade de voltar ao estado original.

Como a pulsão sexual não se esgota, muitas vezes o psiquismo não consegue dar vazão a esta energia. Freud (1915) aponta quatro vicissitudes para quando uma pulsão encontra uma barreira a sua satisfação, que constituem defesas colocadas pelo aparelho psíquico para que a pulsão se satisfaça mesmo que parcialmente: a reversão no oposto, o retorno ao próprio eu, a repressão e a sublimação. O destino de retorno ao eu pode se apreender das sugestões já feitas sobre a conquista do ideal do ego, numa forma de narcisismo absoluto, embora continuamente em crise pela presença do outro complementar (a outra torcida organizada) ou do outro cuja ação violenta da torcida organizada o torna complementar. Esta hipótese de retorno ao eu em busca do ideal do eu (para se alcançar talvez um estado de eu ideal) elimina por incompatibilidade o destino da repressão acompanhado do retorno do reprimido. A identificação de grupo elimina (ou pretende eliminar) toda repressão, e visa o alcance imediato da satisfação

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

pulsional. A violência e a agressão poderiam ser entendidas como reversão no oposto do vínculo de amor. No entanto esse entendimento requer mais elaboração que será retomada à frente. Resta pensar o destino sublimação, embora pareça absurdo no caso. Entretanto, a se considerar o mecanismo, o processo envolvido na sublimação, certa proximidade pode ser verificada entre a sublimação e a atuação das torcidas organizadas, melhor dizendo, semelhança de certo processo pulsional presente nas duas situações. O ideal do eu empresta igualmente sua função à sublimação e à ação violenta e agressiva das torcidas organizadas, como se discute a seguir.

Freud (1914) coloca que “a sublimação é um processo que diz respeito à libido objetual e consiste no fato de a pulsão sexual se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual” (p. 101). Há, portanto, uma deflexão (alteração ou desvio da posição natural) da sexualidade. Segundo Nasio (1988), a sublimação designa a capacidade plástica da pulsão. Ela é uma passagem de uma satisfação a outra, em que o ego primeiro retira a libido do objeto sexual, depois a faz retornar a si e, por fim, destina essa libido a um novo alvo não-sexual. Porém, a libido sublimada nunca perde sua origem sexual. Somente o objetivo é dessexualizado.

A violência praticada pelos hooligans poderia ser um exemplo da sublimação da pulsão sexual, em seu processo: retirada da libido do objeto, retorno ao eu, seguido de investimento em outro objeto não-sexual (outra torcida organizada) com objetivo em nada semelhante ao sexual, como o são a agressão e a violência. Mesmo o gozo suposto nessa ação é um gozo de ego, de ideal que pode se afastar, e efetivamente se afasta, da satisfação dita sexual. Mesmo se considerando a origem sexual do narcisismo, a constituição do ideal do eu se faz sobre a dessexualização do amor próprio: como se sabe, o ideal do eu é herdeiro do complexo de Édipo, que submerge justamente na identificação com o pai. No entanto a semelhança de processo, se é justo o argumento que se fez, uma das características da sublimação é a utilização da energia dessexualizada em seu fim para atividades socialmente reconhecidas. Assim, é no processo de sublimação que se libera a força para as realizações culturais. Nesse sentido, se levarmos em conta somente o mecanismo da sublimação quanto aos deslocamentos e transferências da libido, embora pareça fácil compreender a ação das

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

torcidas organizadas como sublimação, devido ainda a aparente ausência da sexualidade, melhor dizendo, do fim sexual, não se pode ignorar que o prazer e a agressividade presentes na ação dos hooligans se coadunam à sexualidade. É o que se pode inferir já a partir das primeiras formulações freudianas sobre a sexualidade e a perversão: o sadismo parece fazer aqui certa presença.

Os hooligans, em geral, não utilizam armas de fogo. A violência é praticada com as próprias mãos, pedras, paus e rojões; como descreve um membro da gaviões da fiel: “rojão a gente leva no ônibus. Pedra e pau a gente pega no caminho” (Day, 2006b). O líder da Mancha Alvi-Verde relata: “A gente é contra armas de fogo. A gente gosta é de bater, não de atirar”. Um gremista utiliza o mesmo discurso: “Eu não uso armas, nós não usamos armas. Nossas armas são essas (apontando para o antebraço)”. Em uma partida de juniores, disputada por São Paulo e Palmeiras, em 1994, ocorreu uma das maiores brigas da história das torcidas organizadas. Cem torcedores e 22 policiais ficaram feridos e uma pessoa morreu (Day, 2006b), número que talvez fosse inesperado tendo em vista a violência dessas ações. O objetivo não é matar, e sim bater. Matar é somente uma consequência da agressão. No sadismo, um campo da pulsão se destaca. Não lhe parece ser adequada uma interpretação, ele não está no lugar de algo, não é um signo. Caracteriza-se, segundo uma compreensão inicial de Freud (1905), pelo destaque de um dos componentes da pulsão sexual: a agressividade. O objeto da agressividade, entretanto, é deslocado de seu alvo original para os integrantes das torcidas organizadas rivais. Se entenderia a ação das torcidas organizadas como sexual, embora destacada como agressividade. Os testemunhos colhidos não permitem estabelecer com firmeza o aspecto do prazer sexual na ação dos hooligans. Mas na hipótese aqui tomada do sadismo, tal prazer estaria ele implicado no gozo de bater. Aliás, não há no bater, na maioria das vezes, vencedores reconhecidos que justificasse um gozo puramente ideal, de eu, sendo que fica salientado nos testemunhos o gostar bater, o prazer em bater, melhor dizendo, o gozo em bater. Se pode reconhecer em tal gosto o prazer sexual, ou o prazer mal-disfarçadamente sexual. Em qualquer hipótese, inegavelmente se apreende uma satisfação pulsional num modo, por assim dizer, direto, pouco mediada.

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

Há uma grande diferença econômica (quantidade de energia desprendida) entre o bater e o atirar. Em alguns casos, o atirar pode ser considerado uma manifestação da sexualidade, como em algumas práticas de tiros, onde o atirador dispara diversos tiros em um determinado alvo. Entretanto, o ato de bater envolve o contato físico, a luta corporal e as sensações decorrentes destes, constituindo um processo muito mais complexo do que o atirar, um processo mais fisicamente dispendioso. Há aqui um dispêndio de energia pelo ato e não através da protelação da ação que o pensamento promove, nem a instantaneidade do apertar um gatilho. Se neste último caso se pode verificar grande mobilização de energia, será pela angústia que o antecede, ou a ansiedade da consciência do ato a ser praticado. Dessa forma, existe uma grande diferença entre matar alguém com um tiro ou matar com os próprios punhos. De acordo com o líder da Mancha Alvi-Verde, “é muito fácil atirar de 100, 200, 300 metros de um adversário e matar ele. Agora, trocar porrada com ele 5, 10 minutos é muito complicado. E é isso que a gente gosta”. A dificuldade no processo envolve mais energia e evidencia intenções diferentes: no bater dos hooligans está evidenciada a busca do prazer. Observa-se nessa fala que o atirar está ligado ao matar, enquanto no bater não existe necessariamente esta relação, embora um fim de submissão do adversário e enaltecimento do si próprio esteja presente. Também se espera um compromisso entre os hooligans que se chocam, que devem adotar uma mesma norma, uma mesma regra para os lados opostos, e que seja respeitada: conta-se com isso!

A valorização do bater em detrimento do atirar é reforçada pelo caráter pejorativo do uso de armas de fogo nas brigas. Considerando que o intuito é obter uma reputação por mostrar valentia e coragem, o uso de armas de fogo não se justifica, uma vez que a arma desvirtua a luta. “Lá (no Rio de Janeiro), eles não tem muita coragem de brigar na mão” e “mesmo com armas eles correram” são exemplos do discurso adotado pelas torcidas organizadas, que corrobora a idéia de que o uso de armas de fogo não é aí socialmente valorizado. Sendo assim, a arma pode proporcionar ao seu portador um poder soberano e um sentimento de onipotência, mas carrega consigo a reputação de covardia e fraqueza: usa arma de fogo aquele que não é capaz de brigar com os punhos.

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

O discurso do torcedor do Palmeiras solidifica a ideia, até então, apresentada: "Eu acredito no hooliganismo e nas brigas, você sabe, brigas violentas. Mas nós odiamos armas de fogo, nós as odiamos. (...) Sonho em lutar como hooligans, como os ingleses, mas no Brasil é o fim". Essa última queixa refere-se ao grande aumento do uso de armas de fogo nas brigas no Brasil, o que não é evidenciado da mesma forma nos outros países e, principalmente, na prática dos hooligans em seus primórdios (Day, 2006b). O que é uma queixa dos hooligans quanto à quebra da regra nas disputas.

É verdade que não há uma submissão gratuita, não se verifica uma certa compreensão difundida da complementaridade entre o agressor e o agredido, entre o sadismo e o masoquismo. Tal ideia está em acordo com a proposta de Deleuze (2009) que justifica por esse meio um entendimento em separado do masoquismo. Este, segundo o citado autor, caracterizar-se-ia por uma atitude "educadora" do masoquista em relação à sua vítima, sendo esta conduzida ou seduzida a submeter-se às regras (quase um contrato) estabelecidas pelo masoquista. O agressor não é obrigado, mas "conduzido a". No caso, a vítima do contrato não é o masoquista, mas o suposto agressor. A frieza e crueldade estariam presentes na passividade masoquista. Nesse sentido, a ação dos hooligans seria mais "professoral", caráter do sadismo, impositiva. No entanto, embora se encontre na intenção das torcidas organizadas e seus membros uma expectativa de regras, que se resume no uso dos punhos, no bater e apanhar, na espera da briga, identifica-se certa complementaridade, na forma de oposição entre as torcidas organizadas: elas estão, por princípio, em igualdade de condições. A subjulgabilidade não se efetiva nem pela condição apassivada do agredido nem pela condição igualmente submissa do agressor que atenderia a um contrato. A violenta briga é que decidirá o subjugado, como também o prazer do vencedor, se é que o há nessas condições de violência, no limite, sem regra. Se pode-se continuar falando de satisfação, ela se encontra também no ato da briga, não somente na suposta vitória de um grupo sobre o outro. Muito mais parece se situar na destrutividade ou intenção de destrutividade. Sequer se pode dizer que haja grupo vencedor. As brigas são tão disseminadas num corpo a corpo sem contenção, muitas vezes covarde, que "vitórias parciais" de grupos terão vinganças próximas, e por vezes, sobre outro grupo, outra

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

torcida organizada, sendo todas igualmente rivais, embora algumas alianças sejam possíveis como estratégias de defesa. A se levar em consideração os testemunhos, pode-se delimitar prazeres individuais socializados, por assim dizer, pela narrativa. A narrativa do feito, agora socializado, parece guardar parte da satisfação, do prazer da destrutividade cometida. De qualquer maneira parece difícil caracterizar o prazer e a satisfação que obtêm os membros das torcidas organizadas nesses violentíssimos e desregrados embates, que se resumem no propósito da briga e do sentimento de fortalecimento do vínculo entre os membros do grupo pouco diferenciados, senão como testemunhos do que se deu (como os são as narrativas retiradas dos documentários aqui referidos para análise).

O ódio é observado em muitos discursos dos torcedores. Principalmente porque a violência traz infelizes conseqüências. Devido a um incidente ocorrido em uma partida entre Liverpool e Juventus, em que italianos inocentes morreram, um dos líderes da Drugui, principal torcida organizada da Juventus, relata que seu ódio perpetua até hoje como se fosse no dia do incidente (Day, 2006a). Um torcedor do Grêmio, em seu relato, afirma que o ódio é o que os move em direção ao inimigo (Day, 2006b). Falando do ódio, Freud (1915) descreve que os verdadeiros protótipos da relação de ódio derivam não da vida sexual, mas da luta do eu por sua conservação, e que se o objeto for fonte de sentimentos de desprazer, haverá uma tendência a aumentar a distância entre ele e o eu. Porém, no que concerne aos hooligans, o contrário ocorre: o ódio os move em direção ao objeto. Assim, faz-se necessária a introdução de um termo elaborado posteriormente por Freud: a pulsão de morte.

Na obra *Além do princípio do prazer*, publicada em 1920, Freud defendeu a ideia de que toda pulsão seria uma tendência ao restabelecimento de um estado anterior. Essa afirmação não é nova, mas é o alicerce para a explicação da pulsão de morte. Neste sentido, como o estado anterior à própria vida é o estado inorgânico, as pulsões buscariam a volta a este estado. Logo, a pulsão de morte busca chegar ao zero de excitação, se satisfazendo caso consiga se acabar, esgotar-se, ou seja, ela busca a eliminação de todas as tensões do corpo, um esvaziamento total. A pulsão sexual é quem impede a pulsão de morte de se realizar em sua finalidade. Por fim, Freud propõe

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

um dualismo entre pulsão de morte e pulsão de vida (Eros), esta última representada pela pulsão sexual e pulsão de auto-conservação.

A pulsão de morte é silenciosa, não se mostrando à percepção interna. Uma de suas manifestações, de forma deslocada, é na destrutividade. Nesta, a destruição do outro seria buscada no lugar da própria morte (Freud, 1920). Destruir, nesse caso, é equivalente a eliminar. O que contradiz a perspectiva adotada até aqui, já que nela se considera que o objeto é importante para a satisfação da pulsão. Como a pulsão de morte não visa a conservação do objeto, ela de forma isolada não explica o comportamento dos hooligans. Há, portanto, a necessidade de interligá-la a Eros.

De acordo com Freud (1930), a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição pulsional original e auto-subsistente, ou seja, que perpetua sua existência por si só. Portanto, há uma disposição natural à agressividade. O sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre outra pessoa como objeto, tirando disso prazer. Não só humilhar e dominar, como também infligir dor, em um processo que, concomitantemente, há uma fruição da excitação sexual (Freud, 1915). Essa proposição baseia-se somente numa concepção da pulsão sexual, já que Freud ainda não tinha na época elaborado o conceito de pulsão de morte. Neste sentido, é necessário acrescentar que o ato de humilhar e dominar estaria de acordo com a pulsão de auto-conservação associada ao princípio do prazer.

Interligando a pulsão de morte a Eros, Freud (1930) discorre que uma parte da pulsão de morte é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como uma pulsão de agressividade e destrutividade. “Dessa maneira, o próprio instinto podia ser compelido para o serviço de Eros, no caso de o organismo destruir alguma outra coisa, inanimada ou animada, em vez de destruir o seu próprio eu (*self*)” (p. 123). Aqui, Eros é mais bem representado pela pulsão de auto-conservação. O relato de um integrante da Gaviões da Fiel mostra essa idéia, onde diz não sentir remorso caso mate um inimigo: “é matar pra não morrer”. Retomando Freud, em seguida ele coloca que, no sadismo, a pulsão de morte deforma o objetivo erótico em seu próprio sentido, embora satisfazendo o impulso erótico. Ao mesclar Eros com a pulsão de morte, seus sentidos originais ficam corrompidos, mas se conservam algumas de suas propriedades. Freud (1930)

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

conclui que a pulsão de destruição, moderada e domada por Eros, e, por assim dizer, inibida em sua finalidade, deve, quando dirigida para objetos, proporcionar ao ego a satisfação de suas necessidades vitais e o controle sobre a natureza.

Chega-se ao entendimento de que o natural caráter agressivo da pulsão é exacerbado nos hooligans. Há a satisfação, mesmo que parcial, da pulsão sexual numa forma sádica. Esse caráter é decorrente da interação da pulsão de morte e Eros, fazendo com que o objeto de satisfação seja deslocado de seu alvo original para os integrantes das torcidas organizadas rivais. A pulsão de morte é inibida em sua finalidade, preservando, assim, o objeto, mas o destruindo no sentido de denegri-lo, rebaixá-lo e humilhá-lo; satisfazendo-se dessa forma. Satisfação que, segundo Freud (1930), é acompanhada “por um grau extraordinariamente alto de fruição narcísica, devido ao fato de presentear o ego com a realização de antigos desejos de onipotência deste último” (p. 125). Observa-se que tal argumento conflui com o apresentado anteriormente, reforçando a idéia de que a necessidade de satisfazer o ideal do ego constitui um dos porquês referentes às brigas dos hooligans.

Contudo, ainda há de se considerar a pulsão de morte não deslocada, mas no seu sentido original, uma vez que o comportamento dos hooligans contraria o princípio da auto-conservação. Um torcedor do Inter alega que “se tiver que matar a gente mata, morrer também”. Na Mancha Alvi-Verde, o líder afirma que “todos os membros estão dispostos a tudo: bater, matar e morrer” (Day, 2006b). É evidenciado, então, que os torcedores das torcidas organizadas não temem a morte. Entretanto, é no relato de um ex-hooligan britânico que se encontra uma base sólida para representação da pulsão de morte no comportamento dos hooligans: “Você vai de carro ou de ônibus para um lugar que você desconhece. O que você sabe é que terá uma recepção hostil, que pode e, provavelmente irá, se transformar em violência. A antecipação disto, a adrenalina gerada é incrível” (Day, 2006a). Portanto, é do conhecimento dos hooligans a grande possibilidade de ocorrer um evento que pode acarretar em sua morte, mas mesmo assim, eles se dirigem a ele. Nesse processo, há um aumento de todas as tensões do corpo, em grande excitação. Ocorre justamente o contrário à satisfação da pulsão de morte. Porém, após o confronto com a outra torcida, o indivíduo é capaz de diminuir

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

consideravelmente as tensões sobre seu corpo, em um processo de relaxamento que busca um estado de esvaziamento. Portanto, não só é a adrenalina em si que é provedora de prazer no organismo, mas todo o processo: aumenta a tensão para depois aliviar no sentido do esvaziamento.

Um evento ocorrido no documentário filmado no Brasil contribui para a idéia apresentada. Nesse, integrantes da Mancha Alvi-Verde viajaram em um ônibus de São Paulo ao Rio de Janeiro para ver o jogo de seu time. Antes da viagem, torcedores do botafogo os ameaçaram, informando que se eles fossem ao jogo, tiros iriam ser disparados em sua direção. Nenhum incidente ocorreu na chegada ou durante o jogo. Na volta a São Paulo, a polícia escoltou o ônibus somente até a saída do Rio de Janeiro. Após a saída da polícia, a tensão dos passageiros foi exponencialmente aumentada. Todos ficaram apreensivos. Até que a torcida do botafogo cumpriu sua promessa. Em seguida, um dos passageiros relatou: “Nasci de novo irmão. Eu escutei um *zum*. Eu tava sentado inclinado, o bagulho passou atrás de mim. Mano, pego aqui ó (apontando para sua janela). Eu tava debruçado”. O final desse discurso é acompanhado por um suspiro de alívio e, em seguida, uma grande risada e o cumprimento de um colega. Agora, em somente uma temporada, a Mancha Alvi-Verde tinha sido alvejada três vezes. Na viagem seguinte ao Rio de Janeiro, a Mancha Alvi-Verde levou 12 ônibus de torcedores, em que um dos motoristas levou um tiro no braço e um torcedor, na cabeça (Day, 2006b). Assim, observa-se que esses torcedores não temem a morte, muito pelo contrário, se arriscam em aventuras que elevam suas tensões na busca de um prazer final de extinção da excitação, tão subta e violenta que parece submetida ao princípio pulsional da morte, do esvaziamento. A repetição dos eventos corroboram para essa afirmativa, mostrando que o ocorrido encontrado não é um caso isolado. Contudo, esta explicação deve ser considerada concomitantemente às outras propostas para se abordar o comportamento em sua completude. Nesse evento ocorrido, se a Mancha Alvi-Verde deixasse de ir ao jogo, estaria mostrando medo e, como foi dito anteriormente, mostrar medo é um sinal de fraqueza que é motivo de gozo por parte da outra torcida organizada.

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

As explicações até então propostas são do âmbito individual. Por isso, faz-se necessária uma integração com as teorias de grupo. Freud (1921) faz uma leitura da obra de Gustave Le Bon, *The Crowd*, e de William McDougall, *The group mind*, procurando interligar as idéias desses pensadores e adicionar as suas.

Segundo McDougall (1920, citado por Freud, 1921), para uma multidão se tornar um grupo no sentido psicológico, os indivíduos que o constituem devem ter algo em comum uns com os outros, um interesse comum em um objeto, uma inclinação emocional semelhante em uma situação e certo grau de influência recíproca. Em seguida, o autor enumera cinco condições principais para que a unificação de um grupo seja melhor constituída. A primeira condição é que haja certo grau de continuidade de existência no grupo. A segunda é que cada membro tenha definida a natureza, a composição, as funções e as capacidades do grupo. A terceira é que o grupo deve interagir, de forma hostil ou amistosa, com outros grupos semelhantes, mas que possuem outras características diferentes. A quarta é que o grupo possua tradições, costumes e hábitos. A quinta é que o grupo tenha estrutura definida, diferenciando as funções de seus constituintes. De acordo com o que foi apresentado, as torcidas organizadas satisfazem todas essas condições, demonstrando que são grupos solidamente constituídos e que possuem grande poder influenciador entre seus membros.

Conforme explicita Le Bon (1896, citado por Freud, 1921), os grupos de pessoas apresentam a peculiaridade de que “o fato de haverem sido transformados num grupo coloca-os na posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro dele, tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento” (p. 83-84). O grupo é, portanto, uniforme e homogêneo, mas é constituído por pessoas heterogêneas. Os valores individuais vão gradualmente sucumbindo aos grupais, tornando seus membros cada vez mais semelhantes. Para isso ocorrer, o que é característico de um grupo deve constituir o elo entre todos seus integrantes. Nos hooligans, este elo é justamente o fato de torcerem pelo mesmo time de forma exacerbada.

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

Em um grupo, todo sentimento e todo ato são contagiosos em tal grau, que o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo. A reciprocidade e a sugestão mútua entre os membros de um grupo contribuem para este contágio em direção a homogeneidade (Freud, 1921). McDougall (1920, citado por Freud, 1921) informa que quanto maior for o número de pessoas em que a mesma emoção possa ser simultaneamente observada, mais intensamente cresce essa compulsão automática. O indivíduo perde seu poder de crítica e deixa-se deslizar para a mesma emoção. Na Mancha Alvi-Verde, o entrevistador pergunta a todos quem estaria disposto a morrer pela torcida organizada. A resposta foi unânime: todos confirmam com convicção que sim. Isso mostra que não só os valores da torcida organizada são compartilhados pelos seus membros, mas que estes passam a pensar e agir de forma semelhante (Day, 2006b). Dessa maneira, Freud discorre que nos grupos, há o definhamento da personalidade individual consciente e a focalização de pensamentos e sentimentos numa direção comum, que deve ser explicada pela força do vínculo emocional partilhado por todos os membros do grupo. Esse vínculo é o alicerce para a explicação de que o laço mútuo existente entre estes membros é da natureza de uma identificação que se esforça por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo. Este pode ser um integrante do grupo com quem, particularmente, há um vínculo emocional mais acentuado ou é representado por aquele cujas ações e palavras exercem grande influência sobre o pensamento e comportamento dos demais. Neste sentido, Freud conclui que “o indivíduo abandona seu ideal do ego e o substitui pelo ideal do grupo, tal como é corporificado no líder” (p. 139).

Para despertar a fé em um grupo, o líder deve possuir vontade forte e imponente, sendo fascinado pelos valores do grupo e os perpetuando incontestavelmente. Nos hooligans, o líder tem a incumbência de agregar aos valores da torcida organizada. Caso o líder se desvirtue de tais valores, ele perderá o respeito de seus companheiros e, possivelmente, outro líder será nomeado. Deste modo, Freud (1921) elabora que para ser o líder, é preciso possuir as qualidades típicas dos indivíduos interessados no grupo sob uma forma pura, clara e particularmente acentuada, fornecendo uma impressão de maior força e de mais liberdade de libido.

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

Por fim, Freud (1921) aponta que, em um grupo, o indivíduo é colocado sob condições que lhe permitem se desprender das repressões de seus impulsos pulsionais inconscientes. Dessa forma, as características que ele apresenta em um grupo são na realidade as manifestações do inconsciente que estavam contidas como uma predisposição. McDougall (1920, citado por Freud, 1921) ressalta que um grupo exalta ou intensifica a emoção produzida em cada membro dele, de forma que essas raramente ou nunca atingiriam sob outras condições. Le Bon (1896, citado por Freud, 1921) demonstra o mesmo entendimento: “Quando indivíduos se reúnem num grupo, todas as suas inibições individuais caem e todos os instintos cruéis, brutais e destrutivos, que neles jaziam adormecidos, como relíquias de uma época primitiva, são despertados para encontrar gratificação livre” (p. 89). Além disso, pelo simples fato de fazer parte de um grupo organizado, o indivíduo passa a agir de forma menos civilizada e mais primitiva. Sendo assim, as regras sociais perdem suas forças, abrindo caminho para a os instintos mais primitivos, que Freud conceitua como pulsões.

Assim, uma resposta para a pergunta do título, “Por que brigar?”, não é simples e envolve uma perspectiva multicausal. Buscar um determinante é uma procura fadada ao fracasso. É necessário considerar a forma constituinte das firmas como grupo organizado e como esta influencia seus membros, assim como os aspectos individuais e pulsionais aí envolvidos. Acrescentam-se os vetores de força discutidos, quais sejam, a necessidade de satisfação do ideal do ego, para o que as outras firmas constituem o objeto de satisfação imediata, sendo ao mesmo tempo oponente e complementar. Nas atitudes das torcidas organizadas, há referências a sublimação da pulsão sexual, proximidades entre os processos de deslocamentos e dessexualização das pulsões, coexistindo com o prazer em bater e a agressividade. Observa-se que a pulsão de morte está presente em sua forma original e também interligada a Eros. Todos esses aspectos contribuem para o fortalecimento do vínculo entre os membros, promovendo a união do grupo. Após suas aventuras, os membros do grupo gozam, segundo uma fórmula ao mesmo tempo individual e por identificação, com seus orgulhosos relatos e com a reputação advinda da anuência do grupo e por ele mesmo ampliada. Chega-se a constituir pequenos “mitos” de vitórias e gozos muito pouco submetidos às mediações

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181–194.

simbólicas, permanecendo na forma de gozo narcísico, compartilhado com os membros do grupo por identificação.

GREGÓRIO, G. S. ; CELES, L. A. M. . Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v. , p. 181-194.

Referências:

Day, P. (2006). *The Real Football Factories* [Filme-Vídeo] Duração: 360 min. Produção: Zig Zag Productions.

Day, P. (2006). *The Real Football Factories International* [Filme-Vídeo] Duração: 480 min. Produção: Zig Zag Productions.

Deleuze, G. (2009). *Sacher-Masoch - O Frio E O Cruel* (J. Bastos, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade. Em *Ed. Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em *Ed. Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. Em *Ed. Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. Em *Ed. Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. Em *Ed. Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930). O Mal-Estar na civilização. Em *Ed. Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago.

Toledo, L. (1996) *Torcidas organizadas de Futebol*. Campinas: Autores Associados.

Nasio, J. D. (1988). *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.